

## INTRODUÇÃO À EDIÇÃO DA “ABERTURA PELO SR. MACHADO DE ASSIS, PRESIDENTE”

*José Américo Miranda*<sup>1</sup>  
*Universidade Federal do Espírito Santo*

*Alex Sander Luiz Campos*<sup>2</sup>  
*Instituto Federal do Norte de Minas Gerais*

**Resumo:** Apresentação dos critérios utilizados na edição do texto da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente”, na abertura dos trabalhos da sessão inaugural da Academia Brasileira de Letras, em 1897: manutenção do cabeçalho dado ao texto pela *Revista Brasileira*, confronto com diversas edições do “discurso” – assim passou a ser chamado o texto no começo do século XX –, respeito à pontuação do texto-base. Justificativa da legenda usada pela *Machadiana Eletrônica*. O texto editado encontra-se neste número da *Machadiana Eletrônica*.

**Palavras-chave:** Academia Brasileira de Letras, Oratória, Pontuação, Machado de Assis.

A alocução de Machado de Assis, na sessão inaugural da Academia Brasileira de Letras, realizada na sede do Pedagogium (Museu Pedagógico), situado à rua do Passeio, n. 82, tem sido publicada com o título um tanto pomposo de “discurso”. Nisso, seguimos, na *Machadiana Eletrônica*, a tradição. O texto está composto em apenas dois parágrafos.

Nesta edição, adotou-se o cabeçalho dado ao texto na *Revista Brasileira*, composto do nome da instituição, “Academia Brasileira de Letras”, centralizado, em caixa-alta e negrito, na primeira linha, seguido, noutra, de “Sessão inaugural”,

---

<sup>1</sup> Bolsista DCR (Desenvolvimento Científico Regional) do CNPq, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

<sup>2</sup> Professor de língua portuguesa e suas literaturas no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG, *campus* Salinas), é doutor em estudos literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e líder do grupo de pesquisa “Edição e recepção de textos de Machado de Assis”.

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. Introdução à edição da “Abertura pelo Sr. Machado de Assis, Presidente”.

centralizado e em caixa-alta. Esse cabeçalho antecede os seguintes textos: a já referida “Abertura pelo Sr. Machado de Assis, Presidente”, o “Discurso do Sr. Joaquim Nabuco, Secretário-geral” e o “Relatório do Sr. Rodrigo Otávio, 1º Secretário”.<sup>3</sup>

A ideia de começar a revista com esse texto de Machado de Assis procede dele mesmo: a esperança, nele manifesta, de que a Academia Brasileira de Letras fosse uma instituição duradoura transmuta-se, aqui, em outra, mais pedestre – a de que a *Machadiana Eletrônica* tenha vida longa, como vem tendo a instituição acadêmica a que o “discurso” ora publicado deu início.

Galante de Sousa informa que a pequena peça oratória, até 1955, havia sido publicada nos seguintes veículos: *Revista Brasileira*, jul. 1987, vol. XI, p. 129; *Boletim da Academia Brasileira de Letras*, n. I, set. 1897, p. 4; *Revista da Academia Brasileira de Letras*, n. 1, jul. 1910, p. 165-166; em *Outras relíquias*, 1910, p. 93-94; em *Machado de Assis*, volume II da Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa, 1921, p. 109; em *Discursos acadêmicos* (1897-1906), volume publicado pela Academia Brasileira de Letras em 1934, p. 9-11; em *Páginas recolhidas*, publicado pela editora W. M. Jackson, em 1937, p. 289-290; na *Seleta literária*, de Maximiano Augusto Gonçalves, 1938, p. 141-142; na obra *A Academia Brasileira de Letras*, de Fernão Neves, em 1940, p. 186.

Dessas nove publicações, apenas não nos foi possível consultar, para esta edição, o *Boletim da Academia Brasileira de Letras. A Seleta literária*, por sua vez, foi reeditada pelo menos quatro vezes (em 1940, 1961, 1963 e 1967); para esta edição, foi consultada apenas a segunda edição, de 1940.

Além das publicações enumeradas por Galante de Sousa, foi-nos possível localizar esse texto de Machado de Assis ainda em sete outras publicações: na *Obra completa* (José Aguilar, 1959); nos *Discursos acadêmicos*, volume I (1897-1919), 1965; na *Obra completa* (Nova Aguilar, 1994); no volume *Atas da Academia Brasileira de Letras: Presidência Machado de Assis (1896-1908)*, organizado por Claudio Cezar Henriques, 2001; nos *Discursos acadêmicos*, tomo I, volumes I, II, III, IV – 1897-1919, publicado em 2005 e disponibilizado *on-line* pela Academia Brasileira de Letras (<<http://www.academia.org.br/abl/media/Tomo%20I%20-%201897%20a%201919.pdf>>); na obra *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, organizada por Sílvia

---

<sup>3</sup> Cf. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, tomo XI, p. 129-142, jul.-set. 1897. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/139955/10974?pesq=>>>. Acesso em: 30 out. 2017.

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. Introdução à edição da “Abertura pelo Sr. Machado de Assis, Presidente”.

Maria Azevedo, Adriana Dusilek e Daniela Mantarro Callipo, 2013; e, por fim, na *Obra completa em quatro volumes* (Nova Aguilar, 2015).

No caso das obras que tiveram mais de uma edição pela mesma casa editora, como é o caso de *Páginas recolhidas*, da W. M. Jackson, e da *Obra completa em quatro volumes*, da Nova Aguilar, não nos sentimos obrigados ao confronto de todas as edições existentes: confrontamos com a primeira, de 1937, no caso de *Páginas recolhidas* (edição registrada por Galante de Sousa), e com a última, de 2015, no caso da *Obra completa em quatro volumes* – com o entendimento (duvidoso, é certo) de que as edições que se sucedem são praticamente iguais, ou, pelo menos, refletem todas, do mesmo modo, a posição da casa editora perante a obra do autor.

Tínhamos a expectativa de encontrar poucas variantes nas diversas edições consultadas. Engano nosso: encontramos muitas, dentre as quais se destacam as de pontuação – que, se não alteram, nesse caso, a essência da mensagem, não transmitem ao leitor de hoje o entendimento que tinha da pontuação o autor. A pontuação tem, sim, relação (e importante) com o estilo.

Reconhecemos a dificuldade de registrar todas as variações de pontuação em textos longos e em prosa; porém, neste caso, sendo breve o texto, esforçamo-nos para tomar pulso à dimensão do problema.

Antônio Houaiss, nos *Elementos de bibliologia*, atuou firmemente a favor da manutenção da pontuação dos textos:

Embora em tradições manuscritas antigas a pontuação possa ser, legitimamente, reputada um problema de *interpretatio*, cabendo, assim, ao editor-crítico adotar a que possa fundamentar melhor, no caso em apreço [Machado de Assis] se está em pólo oposto. Destarte, se a pontuação é *interpretatio*, nenhuma *interpretatio* pode ser melhor do que a do próprio autor. Seguir-se-á, assim, a sua, embora com menção do fato e suas circunstâncias no aparato, possam ocorrer casos de erro óbvio, o principal dos quais, em textos de jornais e revistas, é a perda, por queda, da vírgula em fim de linha composta em caixa móvel. (HOUAISS, 1967, v. I, p. 293)

Sem preocupações com textos alheios, mas atenta aos próprios, Clarice Lispector mandou, certa vez, numa crônica, um recado “Ao linotipista”:

Desculpe eu estar errando tanto na máquina. Primeiro é porque minha mão direita foi queimada. Segundo, não sei por quê.

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. Introdução à edição da “Abertura pelo Sr. Machado de Assis, Presidente”.

Agora um pedido: não me corrija. A pontuação é a respiração da frase, e minha frase respira assim. E, se você me achar esquisita, respeite também. Até eu fui obrigada a me respeitar. Escrever é uma maldição. (LISPECTOR, 1992, p. 70)

Em interessante passagem sobre a relação entre a pontuação e o sentido dos textos, o padre Antônio Vieira escreveu, no “Sermão da Terceira Dominga da Quaresma”, pregado, em 1655, na Capela Real:

...bem é que saiba o nosso [tempo], quanto bastará para falsificar uma Escritura. Bastará mudar um nome? Bastará mudar uma palavra? Bastará mudar uma cifra? Digo que muito menos basta. Não é necessário para falsificar uma Escritura mudar nomes, nem palavras, nem cifras, nem ainda letras; basta mudar um ponto ou uma vírgula.

Perguntaram os controversistas, se assim como na Sagrada Escritura são de fé as palavras, serão também de fé os pontos e vírgulas? E respondem que sim; porque os pontos e vírgulas determinam os sentidos das palavras; e variados os pontos e vírgulas também o sentido se varia. Por isso antigamente havia um conselho chamado dos *Masoretas*, cujo ofício era conservar incorruptamente em sua pureza a pontuação da Escritura. [...] ...e nas palavras de fé, ainda que os pontos e vírgulas pareçam de menos consideração (assim como a prata é de menos preço que o ouro) também pertencem à fé tanto como as mesmas palavras. As palavras, porque formam a significação: os pontos e vírgulas, porque distinguem e determinam o sentido. Exemplo. *Surrexit: non est hic*. Ressuscitou; não está aqui. Com estas palavras diz o evangelista que Cristo ressuscitou: e com as mesmas palavras (se se mudar a pontuação) pode dizer um herege, que Cristo não ressuscitou. *Surrexit? Non; est hic*. Ressuscitou? Não; está aqui. De maneira que só com trocar pontos e vírgulas, com as mesmas palavras se diz, que Cristo ressuscitou; e é fé: e com as mesmas se diz, que Cristo não ressuscitou; e é heresia. Vede quão arriscado ofício é o de uma pena na mão. Ofício, que, com mudar um ponto, ou uma vírgula, da heresia pode fazer fé, e da fé pode fazer heresia. Oh que escrupuloso ofício! (VIEIRA, 1959, p. 198-199)

Vê-se aí, de onde saiu a legenda que a *Machadiana Eletrônica* tomou para si: “Oh que escrupuloso ofício!”

Como nos lembra o recado de Clarice Lispector, um texto publicado sempre teve, entre a mão que o redigiu e a inteligência do leitor, a mediação da tipografia, com toda a sua azáfama de negócio que precisa dar lucro. A palavra impressa pertence à cultura moderna, e, desde a origem, envolve especialização de mão de obra – o que implica distância entre autor e texto já impresso. Uma pontuação em texto impresso, portanto, nem sempre significa que a responsabilidade por ela seja do autor. Apesar

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. Introdução à edição da  
“Abertura pelo Sr. Machado de Assis, Presidente”.

disso, se ele não protestou enquanto viveu, se não corrigiu, supomos que deve prevalecer, no caso de Machado de Assis, o ponto de vista de Antônio Houaiss.

### **Referências:**

HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967. 2v.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Rev. e prefaciado pelo padre Gonçalo Alves. Porto: Lello & Irmão, 1959. t. III.